



PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: o ensino não presencial no município de Itabirito/MG

Daniela de Carvalho Pena Gonçalves¹

Janaína Oliveira Gonçalves²

Paula Cristina de Almeida Rodrigues³

Eixo temático: 10. Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectiva

Resumo:

Este estudo apresenta um recorte da pesquisa conduzida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Práticas na Alfabetização e na Inclusão em Educação (NEPPAI/UFOP) com o propósito de fornecer uma visão dos resultados relacionados a reorganização do trabalho pedagógico durante o período da pandemia em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental em um município do interior de Minas Gerais. Busca-se explicitar os resultados referentes ao planejamento da alfabetização e letramento, às condições pedagógicas fornecidas para que os professores desenvolvessem suas práticas e aos recursos didáticos e pedagógicos adotados no período de aulas não presenciais. O aporte teórico pauta-se nos estudos de Gatti (2021, 2022), Macedo (2002, 2020), Soares (2003, 2020) entre outros. Como instrumento para a coleta dos dados foi elaborado um questionário com questões objetivas e discursivas. A análise dos dados, referentes às questões objetivas, revelou os desafios enfrentados pelos professores no que diz respeito à garantia do direito à aprendizagem, à interação com os alunos, à utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC's), além de evidenciar as diretrizes oficiais que orientaram o trabalho desenvolvido. Todas essas questões tiveram impactos na prática educacional e no desenvolvimento dos alunos, destacando a necessidade de ações políticas e educacionais eficazes para promover a alfabetização e o letramento na sala de aula em períodos de crises sanitárias como da pandemia da Covid-19.

Palavras-chaves: Alfabetização e letramento; ensino não presencial; prática docente; tecnologia da informação e comunicação.

¹ Mestre em Educação pela UFOP/MG. Coordenadora Pedagógica da Educação Básica no Estado de Minas Gerais. Contato: danielacpena87@gmail.com

² Mestre em Educação pela UFOP/MG. Coordenadora Pedagógica da Educação Básica no Estado de Minas Gerais. Contato: janainaomg@gmail.com

³ Doutora em Educação pela UFMG. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ouro Preto. Contato: paula.rodriques@ufop.edu.br

Introdução

A impossibilidade de realização das aulas presenciais nas escolas brasileiras para garantir a quarentena e o isolamento social no contexto da pandemia da COVID-19, uma das medidas sanitárias adotadas para o enfrentamento da doença, instituiu o ensino não presencial e determinou a reorganização do processo educacional. Nesse contexto, os profissionais da educação tiveram que repensar suas práticas pedagógicas, buscando recursos que possibilitassem a continuidade do processo de ensino e aprendizagem em um modelo de ensino remoto. Os professores alfabetizadores, que atuavam nas turmas dos três anos iniciais do ensino fundamental, enfrentaram o desafio de ensinar crianças que ainda estavam em processo de aprendizagem da leitura e da escrita e não havia desenvolvido habilidades necessárias para realizarem de forma autônoma atividades escolares em que o ler e o escrever fossem necessários. Além disso, nas turmas de alfabetização a interação constante entre professor e aluno, que é tão necessária para a realização de intervenções pedagógicas que garantam o avanço da criança em relação às suas hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita alfabética, foi prejudicada. Os professores alfabetizadores, se viram diante de questões fundamentais: quais recursos tecnológicos e digitais poderiam garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem? Como organizar e planejar aulas e atividades em um ensino não presencial, considerando tanto os alunos que têm acesso aos recursos tecnológicos e digitais quanto os alunos que não têm esse acesso garantido?

Essas e outras questões motivaram a realização da pesquisa intitulada *Covid-19 e escolarização: o que muda no processo de alfabetização e de inclusão da criança público-alvo da educação especial, no cenário de pandemia, em escolas públicas municipais de diferentes regiões de Minas Gerais*, desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Práticas na Alfabetização e na Inclusão em Educação (NEPPAI/CNPQ/UFOP) no decorrer dos anos de 2020 e 2021. A pesquisa aconteceu em 21 municípios do Estado de Minas Gerais e contou com a participação de 1107 professores das redes municipais de ensino. Neste artigo iremos apresentar um recorte dessa pesquisa, no intuito de explicitar os resultados referentes ao planejamento da alfabetização e letramento, às condições pedagógicas fornecidas para que os professores desenvolvessem suas práticas e aos recursos didáticos e pedagógicos adotados no período de aulas não presenciais na Rede Municipal de Ensino de Itabirito.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A reorganização da educação imposta pela pandemia da COVID-19 impactou os processos de ensino e aprendizagem nas escolas de todo o país. Impactos que passaram a

influenciar os procedimentos pedagógicos quando aconteceu o retorno das aulas presenciais, sobretudo, no contexto das escolas públicas brasileiras, pois desde muito antes da pandemia se tornar uma realidade entre nós, a desigualdade social e educacional se mostrava latente. Gatti (2020) ao refletir sobre a realidade educacional na situação pandêmica, ressalta que a falta de acesso ou acesso restrito de muitos alunos aos recursos necessários para que o ensino remoto acontecesse como internet, computador, celulares, dificultaram ou impediram o acompanhamento das aulas e atividades online. Muitos alunos possuíam celulares, mas com pacotes pré-pagos e pouco acesso à rede, ou que eram compartilhados pelos membros da família. A autora ainda soma a essas questões o contingente de alunos que não puderam contar com o apoio da família por diversas razões como a baixa escolaridade dos pais e responsáveis. Além disso, muitas redes de ensino não dispunham de estrutura necessária para a oferta remota dos seus currículos. Os professores, em sua maioria, não tiveram acesso a uma formação adequada para o trabalho no modo remoto e que garantisse o envolvimento dos alunos nas atividades propostas.

Segundo Gatti (2020),

(...) muitas dúvidas e preocupações existem relativas ao atendimento às crianças pequenas que frequentavam creches, as da pré-escola, e as em processo de alfabetização, considerando as necessidades e condições dessas faixas etárias, e também a falta de metodologias a distância suficientemente estudadas e consolidadas para esses níveis educativos, lembrando os limites de uso por crianças pequenas de aparelhos receptores. (GATTI, 2020, p. 32)

Macedo (2021) ao apresentar os resultados de uma pesquisa sobre os limites e possibilidades do ensino remoto, destaca os desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores que participaram do processo investigativo, dentre eles explicitamos aqui a dificuldade dos alunos na participação e realização das atividades propostas e de acessarem o material disponibilizado, muitos não dispunham dos equipamentos necessários para continuidade dos estudos, não tinham apoio dos familiares e não davam retorno das atividades, a maioria proposta em grupos de WhatsApp, principal ferramenta utilizada no processo.

As propostas didáticas para as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental que estão em processo de alfabetização nunca foram pensadas para atender uma situação em que não existisse a interação entre professor e aluno. De acordo com Macedo (2022), os professores tiveram muita dificuldade em planejar atividades que pudessem dispensar a interação com as crianças sem acesso à internet. Os professores identificaram uma diferença marcante entre os alunos que acessavam o WhatsApp e aqueles que não obtiveram acesso,

pois os primeiros acessavam vídeos e áudios com orientações que garantiam a mediação de forma um pouco mais efetiva no processo de ensino e aprendizagem.

Soares (2020), quando discute sobre os momentos de diagnósticos, tão necessários no processo de alfabetização, ressalta que o professor deve sempre acompanhar a aprendizagem das crianças e ficar atentos “a dificuldades ou dúvidas que elas manifestem, para orientá-las a vencê-las quando se manifestem, no contexto de sua turma e de sua sala de aula” (p. 311).

É importante, conforme salienta Gatti (2020), “ponderar sobre o que foi realmente propiciado pela escola e professores durante o período de recolhimento, buscando evidências de aprendizagens construídas de fato, com realismo” (p. 36). Acreditamos que além de um diagnóstico constante da aprendizagem dos alunos é relevante ter clareza sobre as estratégias pedagógicas adotadas no contexto das aulas não presenciais e seus efeitos no retorno das aulas presenciais. A partir disso é possível repensar as políticas educacionais e o trabalho escolar.

3 METODOLOGIA

O desenho metodológico proposto para responder ao objeto de investigação passou pelo diálogo entre as abordagens qualitativa e quantitativa de pesquisa. Ressaltamos que as pesquisas no campo educacional têm, cada vez mais, evidenciado a sua multiplicidade de perspectivas exigindo assim, desenhos e diálogos que promovam respostas e compreensões sobre as realidades investigadas. Para Gatti (2002, p.13) “os pesquisadores em educação fazem escolhas entre um dos múltiplos caminhos que os aproximam da compreensão desse fenômeno, escolhendo, também, um ângulo de abordagem”. Para a autora qualidade e quantidade não, necessariamente, se dissociam nas pesquisas em educação, uma vez que a pesquisa quantitativa pode contribuir para compreender, por meio de técnicas estatísticas, o fenômeno investigado e a abordagem qualitativa para a interpretação e significação, desse fenômeno, face às realidades multifacetadas e diversas no campo das humanidades (GATTI, 2002, 2004).

O questionário foi adotado como instrumento para a coleta de dados contemplando questões objetivas e discursivas. Esse instrumento foi organizado em cinco sessões, organizadas nos seguintes temas: a) Identificação e concordância em participar; b) Perfil do entrevistado; c) Condições do trabalho docente no processo de alfabetização; d) Trabalho/práticas docentes no processo de alfabetização; e) Trabalho docente com pessoas com deficiência no processo de alfabetização. Os dados foram organizados e categorizados conforme o objeto de investigação, o que possibilitou um mapeamento das práticas de alfabetização desenvolvidas pelos professores e das condições didático-pedagógica e de

trabalho em que essas práticas foram desenvolvidas. Conforme já mencionado neste artigo apresentaremos um recorte dessa pesquisa, especificamente, a análise dos dados da rede municipal de ensino de Itabirito/MG.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período da pesquisa, no ano de 2020, o município de Itabirito/MG informou ter 70 professores no ciclo de alfabetização. Deste quantitativo, 40 professores aceitaram participar da pesquisa. Dos 40 professores respondentes da pesquisa, 7 possuem idade entre 25 e 35 anos; 15 entre 35 a 45 anos; 14 entre 45 a 55 anos e 4 acima de 55 anos. Quanto ao nível de escolaridade dos participantes, 47,5% marcaram a opção ensino superior completo e 75% indicaram ter realizado curso de especialização. Dos professores participantes, 70% declararam ter realizado o curso de Pedagogia, sendo que 10% nomearam outros cursos, como Letras, Matemática, Música, Ciências Biológicas e Normal Superior. Entre os 40 professores participantes da pesquisa, 15 (37,5%) atuam em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, 13 (32,50%) em turmas do 2º ano e 12 (30%) em turmas do 3º ano do ciclo de alfabetização.

A seguir, apresentamos o gráfico 1, que indica o quantitativo de professores que ministraram aulas não presenciais.

GRÁFICO 1 - PROFESSORES QUE ESTÃO MINISTRANDO AULAS NÃO PRESENCIAIS



Fonte: RODRIGUES, GONÇALVES, BRAGA, 2021.

Embora o ensino remoto tenha se mostrado uma solução necessária e eficaz para manter a educação em funcionamento durante a pandemia, também trouxe alguns desafios para os professores. A transição abrupta para o ensino remoto exigiu dos professores uma mudança significativa em suas práticas pedagógicas e a necessidade de se adaptarem rapidamente a novas tecnologias e metodologias de ensino. Os professores que se adaptaram a essa nova realidade e conseguiram ministrar aulas remotas contribuíram significativamente para garantir que os estudantes não fossem ainda mais prejudicados em sua aprendizagem durante esse período difícil.

Os momentos de aulas não presenciais com os professores através de aplicativos como o Google Meet, permitiram uma certa mediação no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização, que possui uma organização didática própria e requer interações próximas entre os pares, ou seja, entre professor e aluno e entre os próprios alunos. Nesse sentido, as tecnologias digitais de informação e comunicação utilizadas pelos professores propiciaram novas formas de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

GRÁFICO 2 - RECURSOS DIGITAIS MAIS UTILIZADOS PARA REALIZAR O TRABALHO DE ALFABETIZAÇÃO

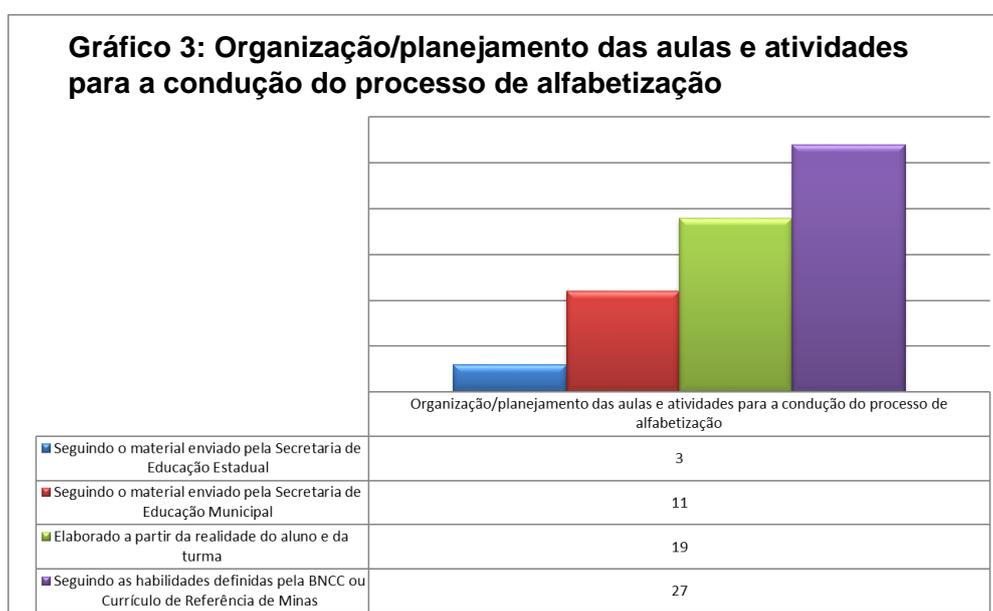


Fonte: RODRIGUES, GONÇALVES, BRAGA, 2021.

O aplicativo de mensagens instantânea WhatsApp foi indicado por 28 professores, sendo a ferramenta mais usada em aulas não presenciais, o que está em concordância ao já evidenciado no relatório da pesquisa *trabalho em tempos de pandemia* (2020, p.8). O segundo aplicativo mais utilizado pelos docentes foi o Google Meet, citado por 21 deles, seguido do

YouTube indicado por 15 professores. O gráfico 2 também nos mostra que 2 professores usaram o aplicativo Zoom, 2 professores a Plataforma Institucional, 1 professor o Google Classroom e 1 professor indicou a opção outros. Os docentes tiveram que se apropriar e reinventar a prática dentro de uma nova perspectiva metodológica de ensino com o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Tais ferramentas foram essenciais por possibilitar a interação e o vínculo afetivo entre docentes e alunos, que é extremamente relevante no processo de alfabetização.

GRÁFICO 3 - ORGANIZAÇÃO/PLANEJAMENTO DAS AULAS E ATIVIDADES PARA A CONDUÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO



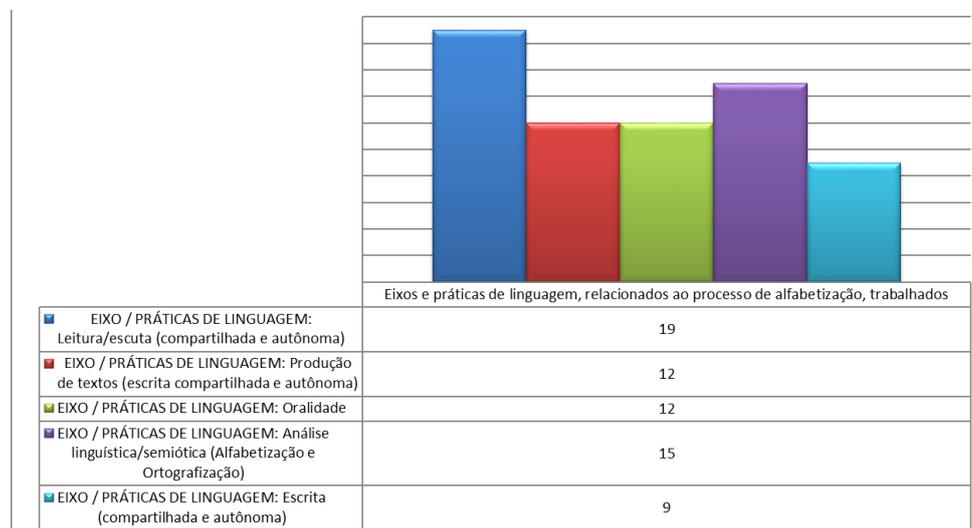
Fonte: RODRIGUES, GONÇALVES, BRAGA, 2021.

É importante ressaltar que essa questão permitia marcar mais de uma opção e dos professores respondentes, 3 indicaram a utilização do material encaminhado pela Secretária de Educação Estadual, 11 docentes disseram que fizeram uso do material enviado pela Secretária de Educação Municipal, 19 informaram que a organização e/ou planejamento das aulas e atividades foram elaborados/as a partir da realidade do aluno e da turma e 27 docentes indicaram que seguiram as habilidades definidas pela Base Nacional Comum Curricular ou Currículo de Referência de Minas. É relevante pontuar que, conforme os dados obtidos, os professores indicaram seguir as diretrizes oficiais de âmbitos Nacional, Estadual ou Municipal, mas também optaram por elaborar seu próprio material pedagógico, considerando a realidade da turma, ou seja, conforme as demandas de seus próprios alunos.

A questão relacionada no gráfico 4, apresentado a seguir, investigava a respeito dos eixos e práticas de linguagem relacionados ao processo de alfabetização trabalhados.

GRÁFICO 4 - EIXOS E PRÁTICAS DE LINGUAGEM, RELACIONADOS AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Gráfico 4: eixos e práticas de linguagem, relacionados ao processo de alfabetização



Fonte: RODRIGUES, GONÇALVES, BRAGA, 2021.

O eixo mais indicado pelos docentes se refere a Práticas de Linguagem: leitura/escuta (compartilhada e autônoma), sendo apontado por 19 docentes. Outros 12 professores responderam que trabalharam com o Eixo/Práticas de Linguagem: Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma). O Eixo / Práticas de Linguagem: Oralidade foi citado por 12 professores, 15 professores citaram o trabalho com o Eixo/Práticas de Linguagem: Análise linguística/semiótica (Alfabetização e Ortografização) e 9 professores responderam que trabalham o Eixo/Práticas de Linguagem: Escrita (compartilhada e autônoma). Os dados mostram um certo equilíbrio entre os eixos da alfabetização referentes às atividades propostas pelos professores.

Segundo Soares (2003), a alfabetização deve estar fundamentada na perspectiva dos letramentos, que envolve as práticas de leitura e escrita no contexto social e cultural dos indivíduos. Nesse sentido, o gráfico 4 evidencia que a maioria dos professores trabalhou com o eixo/práticas de linguagem relacionado à leitura/escuta compartilhada e autônoma, o que está em consonância com a perspectiva do letramento, já que a leitura é considerada uma prática social ampla e fundamental para a formação de leitores competentes.

5 Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo analisar como os professores alfabetizadores de escolas públicas municipais de uma cidade do interior de Minas Gerais organizaram a prática pedagógica durante o período da pandemia da Covid-19. Os resultados obtidos permitiram mapear as práticas de alfabetização desenvolvidas pelos professores e as condições didático-pedagógicas e de trabalho em que essas práticas foram realizadas. Verificou-se que, mesmo diante dos desafios impostos pelo ensino não presencial, os professores conseguiram manter o contato com seus alunos, utilizando recursos tecnológicos como o WhatsApp e elaborando atividades tanto online quanto impressas. Além disso, os professores trabalharam com os eixos da alfabetização e letramento, buscando garantir o direito à educação em meio à pandemia. No entanto, também foram identificadas algumas limitações, como a falta de acesso dos professores e alunos aos equipamentos, à Internet de qualidade o que comprometeu o processo de ensino e aprendizagem. Por fim, este estudo reforça a importância de se investir em políticas públicas que possam garantir o direito à educação em momentos de crise como o que foi vivenciada durante o período da pandemia da Covid-19, valorizando o trabalho dos professores, e buscando formas de superar os desafios impostos pelo ensino não presencial, no que tange os aspectos cognitivos, emocionais, sociais, políticos, entre outros. Um olhar para todas as questões que envolvem a escola no pós-pandemia se faz necessário e é urgente.

Referências

CETIC.BR – COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Painel TIC Covid-19: Pesquisa sobre o Uso da Internet durante a Pandemia do Novo Coronavírus – 3ª Edição: Ensino Remoto e Teletrabalho. São Paulo, 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201104182616/painel_tic_covid19_3edicao_livro%20eletrônico.pdf. Acesso em: 15 abril. 2023.

FRANCO, M.A.M. Práticas pedagógicas na alfabetização: construindo o espaço da oralidade em sala de aula. Curitiba: Editora CRV, 2010.

GATTI, Bernadete A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. Estudos avançados 34 (100), 2020.

_____. A construção da pesquisa em educação no Brasil. Brasília: Plano Editora, 2002.

GESTRADO, 2020. Trabalho docente em tempos de pandemia. Disponível em: <https://gestrado.net.br/pesquisas/trabalho-docente-em-tempos-de-pandemia-cnte-contee-2020/> Acesso em: 05 maio. 2020.

MACEDO, Maria do Socorro Nunes Alencar. Limites e possibilidades do ensino remoto da alfabetização: o que dizem as alfabetizadoras no interior do Ceará. Revista Brasileira de Alfabetização. ISSN: 2446-8584 | Número 16 (Edição Especial) – 2022.

RODRIGUES, P.; GONÇALVES, J.; A. Processos de alfabetização e inclusão em escolas públicas municipais durante a pandemia: Itabirito. Mariana: NEPPAI, 2021.

SOARES, Magda. Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2003.